Referências bibliográficas

ABRAHÃO, V. B. B. *A construção do sujeito e do tempo nos usos do presente*. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 1999.

ALENCAR, R. B.; *E aí? uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros*. Tese de doutorado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 2004

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I e II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BROWN, P & LEVINSON, S (1987) *Politeness: some universals in language use*. 2^a edição, Cambridge, Cambridge University Press. (a primeira edição é de 1978)

CAMARA, J.M. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

CAMPOS, M. H. C. *Tempo, Aspecto e Modalidade – Estudos de Lingüística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997.

CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa*. Alfa, Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília, 1967.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FARACO & MOURA. *Gramática Nova*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

FIORIN, J. L., org. *Introdução à Lingüística – I. Objetos teóricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

_____, org. *Introdução à Lingüística – II. Princípios de Análise*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FREITAS, B.A. *Os processos de concordância e discordância no português como L1 e L2: uma perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, PUC-Rio, 2000.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual. Essays on Face-to-Face Behavior*, Anchor, Garden City, NY, 1967.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar* (2ª ed.). London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M.A.K & HASAN. *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-semiotic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HAWAD, H. F. *Tema, sujeito e agente: A voz passiva portuguesa em perspectiva sistêmico-funcional*. Tese de doutorado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 2002

MATTAR, K. C. *Os conectivos subordinativos temporais na determinação do aspecto verbal*. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras, Puc-Rio, 1979.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORGLER, E. *Variação semântica nas construções adverbiais temporais introduzidas por quando na língua portuguesa*. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 2006.

PERINI, M. *Para uma gramática do português*. 9.ed. São Paulo: editora Ática, 1999

_____. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: editora Ática, 2005.

PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso. Introdução à Análise de Discursos*. Hackers Editores, 1999.

PONTES, E. *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática Normativa*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005

SACCONI, L. A. *Nossa Gramática – Teoria e Prática*, São Paulo: Atual Editora, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto no português: a categoria e sua expressão*. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 1980.

VANNIER, A. H. *Pretérito perfeito composto em PLE: um tempo verbal inútil?*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, PUC-Rio, 2003

WEEDWOOD, B. *História concisa da lingüística*. São Paulo: Parábola, 2002.

WEINRICH, H. *Estructura y función de los tiempos en lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos, 1968.

Anexos

SINOPSE DOS EPISÓDIOS DO SEGUNDO DVD DA SÉRIE TELEVISIVA “A GRANDE FAMÍLIA”:

A mãe do ano

Nenê sonha com uma surpresa no dia das mães. Lineu, Tuco e Seu Floriano tentam fazer algo especial e levam Dona Nenê para almoçar fora, no restaurante Petisco da Velha. Mas as coisas não saem como eles planejaram: Agostinho, que havia ficado responsável por reservar os lugares, se atrasou por causa de mais uma briga com Bebel e todos têm que esperar muito tempo na fila. Com isso, a idéia dos três de irem ao Maracanã, ver um Fla-Flu, após o almoço, fica comprometida. A situação piora quando Nenê descobre que eles estão mais preocupados com isso do que com a celebração do dia das mães. A solução acaba sendo levá-la ao Maracanã para ver o jogo. Lá, Tuco, Lineu e *Seu Flor* acabam se perdendo da Nenê e ao voltar para casa, eles se dão conta de que não sabem onde ela foi parar. Todos se desesperam. A polícia e uma multidão de curiosos se aglomeram na casa para ajudar. É quando Nenê reaparece, feliz por perceber o quanto ela é importante para a família.

Um tapinha não dói

Tuco convida dois amigos para ir a sua casa. Cabelo e Pentelho aproveitam o fato de estarem sozinhos em casa e preparam biscoitos na cozinha fazendo sujeira para todo lado. E Tuco se vê na maior enrascada quando descobre que o biscoito que estão fazendo dá o "maior barato"! A situação fica ainda pior quando está quase tudo pronto para começar a arrumação da bagunça que foi instalada e Nenê chega pedindo para provar um biscoito! Tuco não deixa, e arranca-o da mão de sua mãe! No meio dessa confusão eles não percebem que deixaram cair um cigarro de maconha no chão. *Seu Flor* acha o cigarro e começa a achar que Tuco é viciado.

E, para completar, Lineu chega do trabalho com fome, vê o pote de biscoitos na cozinha e começa a comer um atrás do outro. Só que o que ele não sabe é que os biscoitos não são muito confiáveis. Ele fica completamente alterado e começa a ter reações estranhas!

Dia Internacional da Traição

Que troca estranha! Em plena sexta-feira, Lineu deixa de sair com Nenê para acompanhar o chefe de sua repartição, Mendonça, numa blitz de fiscalização sanitária no restaurante Galeto na Brasa Comércio de Alimentos Limitada. Só que o tal restaurante, na verdade, é um "inferninho", a boate Selvagem. Por uma infeliz coincidência, Agostinho, com seu táxi, deixa dois marinheiros na porta da boate e não resiste à tentação de entrar no local. Só que é pego em flagrante pelo sogro ao colocar uma nota de dez reais na calcinha de uma das dançarinas! Na tentativa de pegar o dinheiro de volta, Lineu acaba se engalfinhando com o genro no meio da boate causando a maior confusão! Claro que os dois vão parar na rua! E como ele vai explicar para Bebel em casa que perdeu a aliança? Só com a ajuda do sogro!

Episódio 1 – Mãe do Ano

Cena 1

Nenê – Ai gente, posso olhar?

Lineu – Não, não. Ainda não, Nenê.

Nenê – Matar a mãe de ansiedade no Dia das Mães é pecado.

Lineu – Tenha um pouco de paciência, Nenê. Nós já estamos chegando. É só um instante.

Tuco – Eu tô falando que esse negócio de surpresa... Isso não vai dar certo. O melhor era ter deixado a mamãe fazer o cozido dela e pronto.

Lineu – Quem não quis fazer o cozido foi a sua mãe. Se ela quer uma coisa diferente, esse ano, vai ser diferente. Hoje quem manda é ela.

Seu Flor – Mas minha filha, você podia ter mandado fazer uma coisa mais fácil.

Nenê – Ué, eu não mandei nada. Eu só pedi uma surpresa.

Lineu – Se esse ano a Nenê quer ter uma surpresa, ela vai ter a surpresa dela e pronto.

Cena 2

(Nenê imaginando)

Lineu – Peraí, peraí. Só um pouquinho. Calma, calma.

Nenê – Ai, posso olhar?

Lineu – Ainda não.

Lineu – Agora.

Nenê – Ai gente, tudo isso pra mim? Ai, não precisava.

Lineu – Foi caríssimo. Foi um sacrifício enorme pra nós, mas você merece.

Cena 3

Seu Flor – Vamos lá.

Lineu – Cuidado com a porta. Atenção.

Todos – um, dois, três e já.

Nenê – Ué, gente, é essa a surpresa?

Todos – É

Nenê – Fila?

Lineu – Esquece a fila, Nenê, a Bebel e o Agostinho vieram antes para pegar o lugar. Devem ta lá dentro do restaurante guardando a nossa mesa.

Cena 4

Bebel – Oi gente.

Agostinho – Não deu pra chegar na frente porque tivemos uns problemas de ordem superior.

Bebel – Ah, o Agostinho agora chama briga de casal de “problemas de ordem superior”.

Seu Flor – Vocês brigaram novamente? Vocês não tinham prometido que não iam brigar mais?

Agostinho – Não foi briga. A Bebel discordou do lugar onde íamos trazer a Dona Nenê e tivemos uma pequena discussão.

Bebel – Pequena discussão, nada. Foi um barraco mesmo. Como vocês trazem a gente aqui no Petisco da Velha? Poxa, a mamãe merecia almoçar num lugar chique, né? E sem fila.

Agostinho – A fila não é problema, eu falo com o maitre. O cara é meu chapa. Ele passa a gente na frente. Agora, Lineu, eu tô sem nenhum trocadinho...

Nenê – Peraí, Agostinho. Vai passar a gente na frente de todas as outras mães? Ah, de jeito nenhum.

Agostinho – Se a Dona Nenê quer ficar na fila, ela fica. É o dia dela. Agora, nós vamos comendo na frente, né pessoal?

Lineu – Peraí, Agostinho. Peraí um instantinho. Almoço de dia das mães tem que ter a mãe.

Nenê – E surpresa.

Bebel – Ah, não se preocupe, não, Dona Nenê. Com esses daí o que não vai faltar é surpresa.

Cena 5

Maitre – Vai demorar meia hora mais ou menos.

Bebel – Ai, meia hora. Definitivamente eu não nasci para Petisco da Velha, muito menos para fila.

Nenê – Olha lá, Bebel. Eles estão cochichando. Não param de cochichar. Eles estão preparando alguma coisa... Vai Bebel, fala. Você sabe, né? Sabe e tá escondendo de mim.

Bebel – Escondendo o quê, mãe?

Nenê- Ah tá bom, tá bom. Eu vou fingir que não notei que essa história de Petisco da Velha era só pra me despistar, que é pra não estragar a surpresa de vocês. Olha lá, Bebel, não param de cochichar.

Cena 6

Tuco – Peraí. Trata-se de um Fla-flu.

Lineu- porque é que esse fla-flu tinha que cair justamente no dia das mães?

Tuco – Peraí, um pouquinho. Foi o dia das mães que caiu no dia do fla-flu.

Floriano – Gente, olha o que eu tô usando por baixo: a minha camisa do Fluminense com o autógrafo do Rivelino.

Lineu – Esconde isso, seu Flor. A Nenê está dando umas olhadas...

Agostinho – Acho que não tem problema nenhum. Por que a gente não chega e diz: olha, Dona Nenê, tem um fla-flu. Um fla-flu! E dá um beijinho nela.

Lineu – Nada isso, Agostinho. Ninguém vai estragar o almoço da Nenê. Nós vamos esperar e esperar, muito bem-humorados, comemorando alegremente. Depois a gente vai pro jogo.

Seu Flor – Agostinho, e os ingressos?

Agostinho – Seu Floriano, você não ouviu o Lineu falar? É depois, tá? Depois.

Cena 7

Maitre – Tenho uma mesa para quatro, perto do banheiro e fumante. Alguém vai querer?

Agostinho – Eu! Perdão, digo nós!

Bebel – Peraí, pessoal! Nós somos seis.

Agostinho – Não tem problema. A gente se aperta um pouquinho.

Nenê – Gente, é fumante.

Tuco – Mas o vovô fuma.

Agostinho – Tem uma vantagem: é perto do banheiro. A senhora querendo retoca a maquiagem, já está perto do banheiro.

Tuco – vamos, vamos.

Cena 8

Tuco – A gente, pra simplificar, pediu um galeto.

Nenê – Ah não, galeto não. Galinha também é mãe. Depois, hoje eu quero começar a assim pelo couvert.

Seu Flor – Ah não, minha filha. Couvert só serve para estragar a fome. Vamos pedir logo o prato.

Lineu – Peraí, peraí. Seu Flor, calma aí. Se a Nenê quer o couvert, ela vai ter o couvert. Garçom...

Cena 9

Bebel – Tinho, o que vocês tavam conversando lá fora?

Agostinho – Bobagem, Bebel. Segredo. Depois eu te conto.

Bebel – Tinho, sabe quem vai dormir no sofá hoje?

Agostinho – Quem? Eu?

Bebel – Segredo, depois eu te conto.

Agostinho – Peraí, Bebel... Tá bom, eu te conto. Seguinte, eu vou ao banheiro. Dá licença que eu vou ao banheiro.

Seu Flor – Agostinho, tá fugindo de quê? Vem cá.

Agostinho – Tô fugindo de nada. Eu tô indo ao banheiro.

Seu Flor – Eu tô reparando esse teu jeitão. Você não comprou os ingressos, não é?

Agostinho – O senhor é muito injusto. Eu odeio futebol. Peguei meu carro, fui até lá para comprar os ingressos... Que isso? Que injustiça é essa? Dá licença.

Cena 10

Seu Flor – Peraí, Agostinho.

Seu Flor – Ô Lineu, temos um sério problema lá no banheiro.

Lineu – Se for com relação a Agostinho, eu não vou.

Nenê – Hein? Do que vocês tão falando?

Seu Flor – Mas se for em relação aquilo que a gente vai ter que entrar dentro daquele negócio?

Nenê – Negócio, hein, que negócio? Vocês tão preparando alguma surpresa, é?

Lineu – Não, não.

Seu Flor – Depois, depois. Agora nós temos que ir ao banheiro.

Nenê – Ah, claro, banheiro.

Cena 11

Nenê – Bebel, eles tão tramando alguma coisa. Pode contar. Que que é?

Bebel – Contar o que, mãezinha? Não sei de nada. Juro.

Nenê – Ah, Bebel. Eles tão preparando uma surpresa pra mim. Tá na cara.

(imaginação de Nenê)

Bebel – Tá bom mãezinha, tá bom. Já que você já descobriu mesmo, então lá vai.

Um, dois, três e já.

Todos – Êêêêê... Para a mãe do ano. Ela merece. Viva a mãe do ano.

Cena 12

Agostinho – Ou eu faço xixi, ou eu mostro os ingressos. As duas coisas ao mesmo tempo não dá. Dá licença.

Seu Flor – Ele não comprou os ingressos. Quer apostar?

Lineu – Como é que é, Agostinho? Vai logo. A gente não pode ficar aqui o almoço inteiro.

Agostinho – Com vocês olhando eu não consigo...

Tuco – Ah, quer que eu ligue a torneira pra ajudar?

Agostinho – Deixa pra lá.

Seu Flor – Cadê os ingressos?

Agostinho – Tão aqui. Pega aí que eu tô com a mão suja.

Lineu – Agora, cadê o troco?

Agostinho – O troco, eu, eu... Com o troco eu comprei um ingresso para mim.

Lineu – Mas você detesta futebol.

Agostinho – Sim, mas eu não ia deixar de ir ao maracanã de graça.

Lineu – De graça coisa nenhuma que eu que paguei os ingressos. Vai pagando o seu ingresso.

Agostinho – Peraí. Vou pagar não. Esse aqui é meu. Eu fui até lá pra comprar e não cobre nada.

(briga)

Lineu – Olha aí!

Agostinho – Viu o que aconteceu, quebrou.

Lineu – Quebrou.

Cena 13

Nenê- Lineu, e aí? Cadê?

Lineu – Cadê o quê, Nenê?

Nenê – Ué, cadê? Você não tem nada pra me falar?

Lineu – Tenho sim. Eu não sei como eu deixei a Bebel casar com o Agostinho.

Nenê – Ué, só isso, Lineuzinho? Mais nada?

Lineu – Eu podia ficar xingando o Agostinho o tempo todo, mas não quero estragar seu almoço.

Seu Flor – Mas que almoço? A gente ainda nem pediu os pratos.

Lineu – Mas vamos pedir. Filé ao molho de madeira para todo mundo.

Nenê – Eu não quero filé ao molho de madeira.

Agostinho – Dona Nenê, pede um cozido.

Nenê – Cozido? Ótimo. Ótima idéia.

Seu Flor – Peraí, Nenê. Cozido demora muito.

Agostinho – Alguém aqui está com pressa? Alguém tem algum compromisso?

Lineu – Tá certo. Um cozido pra todo mundo.

Agostinho – E eu vou querer camarão.

Lineu – Ah não, Agostinho. Camarão não. Camarão é o prato mais caro do cardápio. Você pede, você paga.

Nenê – Peraí, Lineuzinho. Eu hein?!. Você disse que ia pagar o almoço do Dia das Mães.

Lineu – Tá bom. Eu pago o camarão do bajulador aqui. E cozido pra todos que é mais rápido.

(garçom traz vinho para a mesa)

Lineu – Peraí, peraí. Houve um engano aqui. Ninguém pediu vinho nessa mesa.

Bebel – Tinho pediu.

Lineu – Então, se você pediu, você vai devolver, Agostinho.

Agostinho – É um vinho aí em homenagem a Dona Nenê.

(derrama vinho em Seu Flor)

Seu Flor – Eu não acredito. Ele manchou a minha camisa. Ele manchou o meu autógrafo do Rivelino. Seu irresponsável! Você tá vendo, Lineu? Ele tá fazendo isso porque ele não vai ao jogo. É por isso.

Nenê – Jogo?

Lineu – Que jogo?

Seu Flor – Eu não falei jogo. Não é jogo.

Lineu – É. Não é, viu?

Nenê – Vocês estão planejando ir ao Maracanã?

Lineu – Não, que isso. Não, não.

Nenê – É claro que é. É por isso que vocês tão com essa pressa toda. Vocês tão querendo se livrar de mim. E eu achando que vocês tavam preparando uma surpresa pra mim. Uma homenagem pra mãe do ano...

(Nenê sai)

Cena 14

Lineu – E agora?

Seu Flor – A gente vai lá e fala pra ela que a gente faz tudo que ela quiser.

Tuco – Tudo que ela quiser, e depois a gente vai ao Maracanã.

Lineu – Não senhor. O senhor vai lá e diz pra ela que nós vamos fazer tudo que ela quiser e ponto final.

Seu Flor – É. Vai lá.

Tuco – Por que logo eu tenho que entrar no banheiro de mulher?

Lineu – Porque hoje é o Dia das Mães e você é o filho. Vai lá.

Seu Flor – Vai, vai. A gente segura a porta. A gente não deixa as mães com necessidades entrarem.

Bebel – Tá vendo só? Tá vendo só o que vocês fizeram? Vocês estragaram o dia das mães da mamãe. Ela tá lá dentro trancada, não quer sair de jeito nenhum, aos prantos. Agora, vocês resolvam. Eu vou embora. Vamos, Tinho.

Agostinho – Peraí. Eu ainda vou comer o camarão.

Bebel- Ah, mas não vai mesmo. Vambora.

Cena 15

Tuco – ô mãezinha não chora, vai. A gente resolveu fazer o que você quiser.

Nenê – Então vocês vão virar assassinos porque eu quero morrer.

Tuco – Não, mãezinha. Nem fala um negócio desses. Como é que a gente ia conseguir viver sem você?

Nenê – Vocês não precisam de mim pra ir ao Maracanã.

Tuco – Quem disse que não? A gente ia te levar.

Nenê – Me levar?

Tuco – Era assim uma surpresa, né? A gente ia levar você pela primeira vez ao Maracanã. A sua primeira vez no Maracanã pra homenagear você no Dia das Mães.

Nenê – Mentira. Vocês sabem que eu detesto futebol.

Tuco – Olha, mãezinha. Tudo bem. Se você não quer ir, a gente entende. Ninguém vai ficar chateado porque você não vai homenagear a nossa homenagem. A gente vai lá e homenageia você assim mesmo. A gente só...

Nenê – Imagina! Eu vou homenagear a homenagem de vocês. Eu vou junto.

Tuco – Você no Maracanã? Não, não, mãezinha. Também não precisa se sacrificar. Você já se sacrifica tanto pela gente!

Dona Nenê – Mas não é sacrifício nenhum. A homenagem não é essa? Então, eu vou.

Cena 16

Dona Nenê – Vamos?

Lineu – Pra casa?

Dona Nenê – Não, não. Pro Maracanã.

Cena 17 (no Maracanã)

Dona Nenê – Lineu, quero ir ao banheiro.

Lineu – Uhn?

Dona Nenê – Quero ir ao banheiro.

Lineu – Peraí, Nenê. Eu não tô ouvindo o que você tá falando.

Dona Nenê (gritando) – Lineu, eu quero ir ao banheiro. Banheiro, eu quero ir. Deu pra entender ou quer que eu desenhe?

Lineu – Tá. Entendi. Não precisa gritar, também. Tuco, leva sua mãe ao banheiro.

Tuco – Quê?

Lineu – Leva sua mãe ao banheiro.

Tuco – Por que eu?

Lineu – Porque hoje é o dia das mães e você é o filho.

Tuco – Toda hora esse papo de dia das mães.

Tuco (procurando) – Cadê ela?

Lineu – Ahn? Ai meu Deus! Só me faltava essa agora. Vamos procurar. Cada um vai “prum” lado.

Tuco – Mas e se ela tiver ido pra casa?

Lineu – E por que motivo ela iria pra casa, Tuco?

Seu Flor – Ah. Te dou dois motivos: a fila imensa do restaurante que ela enfrentou e o cozido que ela teve que comer às pressas.

Lineu – É verdade. Vamos todos pra casa. Você também, Tuco.

Tuco – Mas por que eu?

Lineu – Porque hoje é o dia das mães, você é o filho e foi sua essa idéia de girico de trazer a Nenê pro Maracanã. “Vambora”.

Cena 18 (em casa)

Seu Flor (para Agostinho e Bebel) – Que que está acontecendo aqui?!

Lineu – Cadê a Nenê?

Agostinho – Calma. A primeira pergunta é extremamente difícil de responder. É complexa. A segunda está diretamente relacionada com a primeira. A Dona Nenê não está aqui.

Lineu – Perdemos a Nenê.

Tuco – Pior! Perdemos a final do jogo.

Bebel – Que que é?! Eu não to acreditando que vocês perderam a mamãe no dias das mães.

Cena 19 (no Maracanã)

(Nenê sozinha no estádio, chora)

Cena 20 (em casa)

Seu Flor – Nós não perdemos a Nenê. A Nenê é que se perdeu de nós.

Bebel – Como é que vocês levam a minha mãe pro Maracanã? Seus irresponsáveis.

Tuco – Ela é que cismou de ir. A gente nem queria que ela fosse.

Bebel – Ah é? E por causa disso vocês resolveram abandonar ela lá, é?

Agostinho – Meu Deus! Como vai ser a minha vida sem a Dona Nenê?

Lineu – Calma, gente. Foi só um acidente. Assim vocês deixam a gente ainda mais culpado.

Bebel – Ah. E vocês não querem se sentir culpados, né? Pode ter acontecido uma tragédia, sabiam?

Seu Flor – Ora, Bebel. Não vai acontecer tragédia nenhuma. Nossa Senhora que também é mãe deve estar ao lado dela.

Cena 20 (Seu Flor imaginando, Dona Nenê vestida de criança)

Dona Nenê – Ano passado, eles me deram um vestido lindo que o papai que escolheu pra mim. Esse ano, eles preparam pra mim uma surpresa maravilhosa. Eu adorei conhecer o Maracanã. Foi o melhor Dia das Mães da minha vida.

Cena 21

Seu Flor - Vocês vão ver. Daqui a pouco ela chega aí, feliz da vida.

Bebel - Eu acho melhor vocês irem até o Maracanã procurar ela, gente.

Tuco – Que isso, gente. Ela já tá vindo pra casa. O melhor que a gente tem a fazer é ficar em casa esperando ela chegar.

Agostinho – Isso se ela chegar, né?

Lineu – Como assim se ela chegar?

Agostinho – Não, não Lineu. Não quero deixar ninguém nervoso, mas sabe como é que é... Fim de jogo, todo mundo dentro do ônibus, estão loucos, armados... Sai muita pancadaria.

Bebel – Pancadaria?

Cena 22

(Bebel imaginando Dona Nenê no ônibus, cantando RAP)

Dona Nenê – Ano passado eles me deram um vestidinho horroroso. Mas esse ano, eles mudaram de estratégia e foi uma tragédia. Me levaram a um restaurante vagabundo, totalmente imundo. Minha filha que tem muito pique, queria me levar num restaurante chique. Me levaram no Petisco da Velha e me abandonaram no Maracanã. Irresponsáveis.

Torcedor – Pra fazer isso com a mãe só pode ser um tricolor.

(começa uma briga no ônibus)

Cena 23

Bebel – Que que vai ser da minha mãe no meio de uma pancadaria?

Seu Flor – Eu vou chamar a polícia.

Agostinho – Que que vai ser da minha vida sem a Dona Nenê? Ai meu Deus!

Lineu – Eu aqui preocupadíssimo e vocês querem me arrasar mais ainda.

Tuco – E não é pra ficar arrasado? Se rolar uma briga é claro que a mamãe vai entrar no meio pra apartar.

Cena 24

(Tuco imaginando Dona Nenê no ônibus, vestida de super-herói)

(Dois torcedores brigam)

Dona Nenê – Parou, parou, parou. Ninguém pode xingar a mãe do outro no Dia das Mães.

Torcedor 1 – Pensando bem, a senhora está coberta de razão. Eu quero pedir desculpa ao companheiro flamenguista.

Dona Nenê – Muito bem. Ele pediu desculpa. Agora o senhor flamenguista vai apertar a mão do senhor tricolor e vai desejar um feliz Dia das Mães para ele.

Torcedor 2 – Desejar um feliz Dia das Mães pra mãe dele, tudo bem. Mas apertar a mão de tricolor? É ruim, hein.

Dona Nenê – Ai, ai, ai. Eu disse um aperto de mão e já.

(torcedores apertam as mãos)

Cena 25

Agostinho – Essa história ainda vai acabar em desgraça.

Lineu – Pára com isso, Agostinho. Tá me deixando mais nervoso ainda.

Agostinho – Todos andando armados dentro do ônibus. POU, POU, POU.

Lineu – pou, pou, pou?

Agostinho – É pou de tiro, Lineu.

Cena 26

(Agostinho imaginando uma briga de torcedores, no ônibus)

D. Nenê – Parem com isso. Isso ainda vai acabar em desgraça.

(torcedor 1 atira)

Torcedor 2 – Cara, olha o que tu fez! Tu matou uma mãe bem no Dia das Mães, bicho.

D. Nenê – Foi sem querer. Ele não fez por mal. Eu perdô ele. Mãe sempre perdoa.

Torcedor 1 – Não perdoa não, dona. Eu não presto. Eu almocei correndo com a minha mãe, só pra vir no jogo depois.

D. Nenê – Mas eu perdô você assim mesmo. Mas eu não posso morrer ainda. Quem vai passar as camisas do Agostinho? Quem vai acertar o tempero do ensopadinho do jeitinho que ele gosta? E quem vai fazer o café pra ele, de manhã, quando ele sair pra trabalhar?

Torcedor 1 (chorando) – Agora eu fiquei até emocionado. A senhora é a mãe do ano. Olha aqui (pega uma faixa escrito Mãe do Ano).

Cena 27

Agostinho – Meu Deus. O que será da minha vida sem a Dona Nenê?

Bebel – Calma, Tinho. Calma.

Agostinho – Meu Deus.

Seu Flor (ao telefone) – A polícia vem vindo aí.

Lineu – Eles devem trazer uma boa notícia.

Tuco – Polícia trazendo boa notícia? Nem em filme americano.

Bebel – Ai meu Deus! Se a polícia tá vindo é porque deve ter acontecido uma desgraça mesmo.

Lineu – Ela saiu do Maracanã, pegou um ônibus, saiu uma pancadaria, alguém atirou, acertaram a Nenê e ela morreu.

Agostinho – Meu Deus, o que será da minha vida sem a Dona Nenê?

Lineu – Cala a boca, Agostinho, que o viúvo sou eu. Meu Deus, como é que eu vou viver sem a Nenê?

Cena 28

(Lineu imaginando-se no velório de Dona Nenê, conversa com a morta)

Lineu – Eu praticamente assassinei a mulher da minha vida. E a gente enganando ela... Ela só queria uma surpresa, uma homenagem, um almoço de Dia das Mães. Nem o *couvert* eu deixei ela provar. Uma santa. Santa Nenê, protetora das mães.

Nenê – Lineu, Lineu...

Lineu – Você me perdoa, Nenê?

Nenê- Perdôo. Eu sou mãe e mãe sempre perdoa.

Cena 29 (em casa)

Lineu – A gente acabou com a vida dela.

Tuco – Ela vai voltar. A mamãe vai voltar e eu prometo que nunca mais vou ao Maracanã.

Bebel – Agora é tarde, seu irresponsável.

Seu Flor – Calma, calma. Ela tá voltando pra casa.

Lineu – Será, seu Flor? Será?

Cena 30 (chegada da polícia)

Lineu – Aqui, seu guarda. Essa aqui é minha mulher. Essa foto, nós tiramos no Dia das Mães do ano passado. Ela fez cozido. Você precisava provar o cozido dela. È de comer chorando.

Bebel – Mas pai, essa foto ta horrível. A mamãe não merece mais essa desfeita.

Lineu –Então eu vou buscar aquela outra do casamento, que ela ta lindíssima.

Bebel – Olha, seu guarda, vai ser fácil reconhecer ela. Minha mãe é uma mulher linda, elegante, distinta, conservada. Aliás, conservadíssima. Ela parece até aquela atriz de televisão.

Agostinho – Ela era uma pessoa extraordinária.

Tuco – Era por quê? Ela não tá morta ainda.

Cena 31 (no quarto)

Lineu – Onde será que a Nenê guardou as fotografias?

Nenê – Segunda gaveta à direita, contando de cima pra baixo.

Lineu – Nenê! Você tá viva?

Nenê – Claro que eu tô viva.

Lineu – E o tiro?

Nenê – Que tiro?

Lineu – O tiro dos torcedores fanáticos, no meio da pancadaria?

Nenê – Que pancadaria, Lineu? Que gente toda é essa aí fora?

Lineu – O seu Flor chamou a polícia. A gente ficou desesperado sem saber onde é que você estava.

Nenê – Vocês estavam desesperados, é?

Lineu – Então, Nenê. Vamos lá dentro. Vamos explicar às crianças, acalmar eles e arranjar um jeito de dizer que tá tudo bem.

Cena 32

Agostinho – O policial deve ter achado que a gente é maluco.

Bebel – Bom, o importante é que a mamãe tá bem.

Seu Flor – Nós estávamos aqui todos culpadíssimos. Afinal, o que aconteceu?

Nenê - Eu peguei o ônibus errado. O ônibus ficou assim, dando um monte de voltas.

Seu Flor – Sei. Mas só isso?

Nenê – Só? Ele ficou rodando por uns lugares escuros, parecia até filme de terror.

Bebel – E depois, mãe?

Nenê – Depois eu desci do ônibus e peguei outro. Aí é que aconteceu a tragédia.

Todos – O quê?!

Nenê – O trocador, ele não tinha troco e me levou 20 centavos.

Agostinho – Dona Nenê, mas que história mixuruca. A gente, aqui, com um montão de preocupação...

Nenê – Mixuruca não. Foi horrível. Eu contei pra vocês que a minha janela não abria?

Seu Flor – Vocês queriam o quê? Que a Nenê tivesse realmente se metido em briga, levado uns tiros e virado santa? Vocês estão decepcionados porque ela está viva? É isso? Gente, nós demos o pior Dia das Mães para a Nenê e a culpa é dela?

Lineu – Nenê, só nos resta mesmo pedir desculpas. Foi horrível mesmo. Você nos perdoa, Nenê?

Nenê – Lineu, mãe sempre perdoa. E depois, de certa forma, vocês me deram a surpresa que eu queria. Porque eu cheguei e vocês tavam desesperados. Quer dizer que eu sou importante pra vocês?

Todos – Claro que é.

Lineu – Nós ficamos devendo um almoço decente em sua homenagem.

Bebel – Ou, então, um jantar com as quentinhas que o Tinho trouxe lá do Petisco.

Seu Flor – O que? Você trouxe quentinha, Agostinho?

Agostinho – Eu não ia deixar aqueles camarões todos lá, sozinhos.

Cena 33

Lineu – Um brinde à mãe do ano.

Bebel – Se esse Dia das Mães foi assim, que que a gente vai fazer ano que vem?

Tuco – Não, não. Ano que vem, nós vamos ficar em casa comendo cozido, que é bem melhor.

Nenê – De jeito nenhum. Ano que vem vai ser diferente. Ano que vem, eu quero uma surpresa.

Seu Flor – Não, eu lhe peço. Tudo menos surpresa.

Bebel – Mãe, pede pra ir num lugar bem chique, hein.

Tuco – Que tal Maracanã?

Episódio 2 – O Dia internacional da traição

Cena 1 (em casa)

Seu Flor – Lineu, dá um tempo. Até o Bruce Lee está ficando nervoso com você. Cada vez que você anda, ele mata um.

Lineu – Estou esperando a Nenê se arrumar.

(toca o telefone)

Lineu – Deixa que eu atendo. Mendonça, voe não morre tão cedo. Eu sei que chegou uma denúncia do restaurante. Mas agora? Daqui a dez minutos estou lá.

D. Nenê – Nada como ter um marido honesto.

Lineu – Por isso eu estava apressando você. Agora, ao invés de sair, eu vou ter que ir nessa porcaria de restaurante com o Mendonça.

Bebel – Leva a mamãe junto. Quem garante que você e o Mendonça não estão armando para cair na farra juntos. Hoje é sexta-feira, o dia internacional da traição.

Lineu – Chega Bebel, isso é ridículo.

Episódio 3 – Um tapinha não dói

Cena 2 (Lineu e Mendonça na *boite*/restaurante)

Lineu - Para que dois fiscais? Você é o chefe. Você não precisa de mim.

Mendonça – Eu te trouxe porque você é o homem mais idôneo do minha repartição.

Lineu – Então a gente entra, fiscaliza e sai.

Mendonça – Claro, sem dúvida. Eu vou dar uma fiscalizada por aí.

Lineu – Pra mim chega. Eu vou embora.

(Agostinho entra na *boite*)

Agostinho – Você tem troco pra dez?

Lineu – Seu irresponsável.

Agostinho – Que isso, Lineu? O que você tá fazendo aqui? É uma pegadinha?

Lineu – Eu quero saber o que a Bebel vai achar disso tudo.

Agostinho – Não precisa nem saber.

Lineu – E essa roupa rasgada?

Agostinho – Lineu, minha aliança. Perdi minha aliança. Como é que a gente vai explicar isso?

Lineu – A gente, não sei. Eu vou falar a verdade.

Agostinho – Falar a verdade? Vai destruir meu casamento.

Lineu – Eu nunca menti para a nenê. Se você quiser inventar alguma história, você inventa. Eu vou falar a verdade.

Agostinho – Pensa bem. Uma mentira, muitas vezes, pode salvar um casamento.

Cena 3

Bebel – O Agostinho se recusa a ir embora desta casa. Se ele fica, eu vou.

D. Nenê – Vai pra onde, Bebel? Filha minha não desta casa.

Bebel – Acontece, que debaixo do mesmo teto do Agostinho, eu não moro mais.

Seu Flor – Quer dizer que Bebel e Agostinho brigam e quem vai pra fora de casa é ela?

D. Nenê – Eu não quero me meter na briga deles, mas a nossa filha é a Bebel.

Lineu – Já passa da meia-noite. O Agostinho não tem pra onde ir.

Seu Flor – Lineu, você tá defendendo o Agostinho?

Lineu – Eu estou é me sentindo culpado por ter falado demais.

Agostinho – Se a Bebel me largar, como vou viver sem ela?

Lineu – Calma. A Bebel não vai abandonar você. Ela está chateada, mas com o tempo ela vai acabar te perdando.

D. Nenê – Enquanto isso não acontece, ela não quer te ver nem pintado.

Agostinho – Eu sou capaz de fazer uma besteira.

D. Nenê – Besteira você já fez.

Lineu – Agostinho, eu prometo a você que a Bebel não vai sair dessa casa. Quem vai sair é você.

Você vai sair pra ir até a *boite*, procurar sua aliança e eu vou te acompanhar.

Cena 4

Agostinho – Mas aqui não é a *boite*. É um hotel.

Lineu – Você me desculpa. Eu tive que botar você pra fora de casa e não arranjei outra maneira.

Agostinho – Eu nunca imaginei que você pudesse me enganar dessa maneira.

Lineu – Você só vai ficar aqui enquanto as coisas esfriam lá em casa.

Cena 5 (Lineu volta para casa)

Lineu – O que vocês estão fazendo acordados até essa hora?

Seu Flor – A gente está esperando a Bebel parar de chorar.

D. Nenê – Lineu, você tem que fazer alguma coisa.

Lineu – Eu não vou fazer nada. Já passa das três da manhã.

Tuco – Enquanto ela continuar chorando, ninguém dorme.

Lineu – Eu consigo. Boa Noite.

D. Nenê – Sua filha está sofrendo. Você tem que falar com ela.

Lineu – Por que eu?

D. Nenê – Porque você é o pai. Além do mais, você que colocou o Agostinho pra fora de casa.

Cena 6

Lineu – Como você está, minha filha?

Bebel – Eu estou “ótima”.

Lineu – Você não acha que é o caso de dar uma nova chance ao Agostinho?

Bebel – Cachorro, nojento, desgraçado.

Lineu – Mas botar esse cachorro, nojento, desgraçado, pra fora de casa não fez de você mais feliz. Olhar pra uma mulher não é motivo para separar duas pessoas que se amam. Ele errou, mas quem é que não erra?

Bebel – Se você não tivesse me contado que o Tinho tinha ido naquela *boite*, nada disso tinha acontecido.

Lineu – Então agora a culpa é minha?

D. Nenê – Você foi meio dedo-duro, Lineu. Agora, você vai lá e conserta a besteira que você fez.

Episódio 3 – Um tapinha não dói

Cena 1 (na cozinha da casa estão Tuco e dois amigos)

Tuco – Galera, não tem outro lugar pra fazer essa bagunça, não?

Amigo 1 – Qual é? Se sua mãe chegar, a gente fala que ta fazendo biscoito. Receita da minha avó.

Amigo 2 – Tua avó fazia biscoito de bagulho?

Tuco – Ei, que parada é essa? É bagulho, bagulho?

Amigo 1 – Fica frio. Tu vai provar um biscoito que tu nunca comeu na vida. Eca! Ruim pra cacete.

Amigo 2 – Da próxima vez, a gente chama tua avó pra ajudar.

Tuco – Desculpa atrapalhar a farra das cozinheiras, mas eu to achando melhor a gente limpar essa bagunça e jogar essa parada fora antes que a minha mãe chegue das compras, valeu?

Cena 2 (D.Nenê e Bebel chegam)

D Nenê – Oi meninos. E aí? O que vocês estão fazendo?

Tuco – Nada. Estamos fazendo nada. Quer dizer tamos fazendo biscoito.

Bebel – Ah, tão fazendo biscoito, é, Ana Maria Braga?

D.Nenê – Ah, meu filho, que bonitinho. Você tá aprendendo a cozinhar? Dá um que eu quero provar.

Tuco – Não! Tá muito ruim. Vamos voltar pro ensaio, pessoal?

Cena 3 (Seu Flor entra e acha um cigarro no chão)

Seu Flor – Que isso? Um cigarro?

Tuco – É meu, é meu.

D. Nenê – Pelo amor de Deus, meu filho. Você não sabe que isso aqui é errado, que isso aqui faz mal? Depois você vai ficar viciado que nem seu avô.

Seu Flor - Eu, não. Eu fumo há 40 anos e nunca me viciiei. Falar nisso, minha filha, ocê lembrou de trazer o cigarrinho do papai?

D. Nenê – Lembrei. Lembrei e não trouxe de propósito. Você fica deixando cigarro espalhado pela casa e aí o Tuco fica pegando pra fumar.

Seu Flor – Esse cigarro aí não é meu não. Esse é um cigarro vagabundo. Não tem nem filtro.

Tuco – Mãe, valeu a bronca. Você ta certíssima. Eu prometo que do meu bolso não vai sair um centavo para sustentar a indústria tabagista. Inclusive, me dá aqui pra eu jogar fora.

D. Nenê – Não. Quem vai jogar no lixo sou eu. Se eu deixar com você, você vai fumar, né gracinha? E depois, você quer o que? Ficar aí que nem o seu avô que não consegue largar o vício?

Seu Flor – Não admito essas inverdades comigo. Como não consegue largar? Não diga uma inverdade dessa. Eu paro de fumar a hora que quiser. Eu já parei cinco vezes. Você é testemunha. Agora, por exemplo, estou sem cigarro. Qual o problema disso? Problema nenhum, eu não sou viciado.

(pega o cigarro de maconha do lixo e acende)

Cena 4 (entram Agostinho e Bebel)

Agostinho – Que isso, Seu Floriano? Onde o senhor arrumou esse negócio barra pesada?

Seu Flor – Que negócio? Tava na lixeira. Esse cigarro não é meu. Isso é do Tuco.

Agostinho – O senhor está viciando o seu próprio neto? O senhor vai ser preso, seu chincheiro da terceira idade.

Bebel – Esconde isso, Tinho, antes que a mamãe veja. Pelo amor de Deus!

D. Nenê – Antes que eu veja o que?

Agostinho – Isso aqui, D. Nenê, é cigarro de maconha.

Cena 5 (quarto do Tuco – Estão Tuco e amigos, entra D. Nenê)

D. Nenê – Rua, rua. Pode ir saindo.

Tuco – O que tá acontecendo aqui?

D. Nenê – Você acha que pode me fazer de boba? Você faz biscoitinho pra mamãe ver, e pelas minhas costas fica fumando isso? Tuco, meu filho, o que aconteceu? Eu te dei amor. Eu te dei educação. Eu te dei tudo, tudo. Até primeira comunhão você fez. E agora eu descubro que você é um , é um....

Agostinho – Maconheiro!

D. Nenê – Não se mete, Agostinho. É por causa dessa porcaria aqui que você não estuda direito. Você já poderia estar na faculdade.

Tuco – Mãe, eu não fumo isso.

D. Nenê – Não minta pra mim. Tuquinho, você vai jurar que nunca mis na vida você vai fumar essa porcaria?

Tuco – Mãe , eu não fumo maconha.

D. Nenê – Então eu vou contar pro seu pai que você não fuma maconha.

Tuco – Tá legal. Não vamos meter o popozão na história.

Cena 6

Agostinho – Eu tenho minhas convicções. Se vocês não gostarem, tudo bem. Mas para mim, a pessoa que tem problemas com drogas é vagabundo.

Bebel – Ah, Tinho, você vai me desculpar. Acho que o Tuco não é vagabundo porque fuma maconha, é vagabundo porque gosta.

Seu Flor – Começa vagabundo, acaba marginal. Logo, logo tá aí assaltando pra comprar droga.

Bebel – Ah não, gente. Eu concordo que não é legal pra ele, mas nem todo mundo que fuma vira marginal.

Agostinho – Como é que você sabe, você também fuma?

Bebel – Claro que não. Acontece que vocês estão exagerando. O Vovo também fuma, cigarro, Um maço por dia. E cigarro também é droga, tá escrito lá no maço: mata.

Seu Flor – É me bem, mas o meu cigarro não dá vontade de sair gritando, pelado pela rua.

Bebel – Ah vô, o do Tuco também não. Vocês vão me desculpar, mas maconha não dá esse tipo de onda, não.

Agostinho – Que isso?

Cena 7 (Lineu chega)

Lineu – Boa noite, família.

Todos – Boa noite.

Lineu – Aconteceu alguma coisa?

S. Flor – Imagina, não aconteceu nada.

Agostinho – Não aconteceu nada principalmente com o Tuco.

Lineu – Que cara é essa, Nenê? Aconteceu alguma coisa com o Tuco? Pode deixar que eu vou adivinhar: não aconteceu nada com o Tuco.

D. Nenê – Aconteceu, Lineu. Aconteceu e foi muito grave. Eu descobri que o Tuco anda... comendo biscoito escondido antes do jantar.

Lineu – E daí?

Nenê – Daí? Daí que ele sabe que ele não pode comer biscoito. Que eu tenho horror a gente que come biscoito e mesmo assim ele comeu biscoito.

Lineu – Pelo amor de Deus, qual o problema do Tuco comer biscoito. Ele não é mais uma criança.

D. Nenê – É criança sim. Agora me deixa em paz que eu tenho que preparar o jantar. Aliás, eu cheguei do supermercado e não consegui guardar as compras. Eu não sei que horas eu vou preparar esse jantar. Aliás, eu não sei nem se eu vou preparar esse jantar.

Cena 8 (toca a campainha)

S. Flor – Pode deixar que eu atendo. Ô Beçola, entra. Que cara é essa?

Beçola – Lineu, desculpa eu chegar assim de repente mas eu tô com problema.

Lineu – Tá todo mundo com problema hoje, Beçola.

(Lineu começa a comer biscoito sem saber que é feito de maconha)

Lineu – Quer um biscoito?

Beçola – Não. Não posso nem pensar em comida. O Mário tá doente.

Lineu – Mário? Que Mário?

Beçola – O meu gato de estimação.

Lineu – E você tem um gato de estimação?

S. Flor – Tem. É um monte de pulgas.

Beçola – Seu Floriano, não fale mal do Mário. Ele é um gato mas é como se fosse meu filho.

Lineu – Calma, Beçola. Senta aí. Conta o que foi que aconteceu.

Beçola – Ele deve ter comido alguma coisa que fez mal a ele.

Seu Flor – Com certeza, um dos pastéis que você vende pros desavisados.

Lineu – Continua, Beçola.

Beçola – É verdade que ele come pastel. Mas se uma pessoa deixa um pela metade, o que eu vou fazer? Jogar fora comida é pecado.

S. Flor – Matar gato também.

(Lineu começa a rir)

Beçola – Lineu, você tá achando graça do sofrimento do meu gato?

Lineu – Não, Beçola. De jeito nenhum. Qual foi a última coisa que ele comeu?

Beçola – Ele comeu um pastel de queijo com camarão. Ele só comeu o camarão, o queijo ele não quis.

S. Flor – é um animal de sorte. Eu já comi cinco vezes esse pastel e nunca achei um camarão.

(Lineu às gargalhadas)

Lineu – Desculpe, Beçola. Eu tô me sentindo meio estranho, sabe.

Beçola – Acho que foi uma perda de tempo ter vindo aqui.

Lineu – Beçola, o seu gato deve estar apenas com um distúrbio passageiro. Se até amanhã ele não melhorar, traz ele aqui que eu examino.

Beçola – E você acha que ele vai ficar bom, Lineu?

Lineu – Não sei. Mas eu tô me sentindo esquisito.

Cena 12

Seu Flor – Quem é que está escutando essa música tão alta?

D. Nenê – Você ta bem, Lineu?

Lineu – Ouço essa música desde criança mas é como se tivesse ouvindo pela primeira vez. Vocês tão ouvindo a pulsação do baixo?

S. Flor – A pulsação do baixo ta ótima. A minha pulsação é que já está aumentando. Pelo amor de Deus, desliga essa porcaria.

Lineu – Seu Flor, o senhor é uma peça.

Bebel – Pai, o senhor bebeu?

Lineu – Que bebeu, Bebel!

D. Nenê – Lineu, acho que você não tá bem, quer sentar aqui e comer.

Lineu – Melhor mesmo. Tô com a maior fome. Engraçado, eu me entupi de biscoito...

Tuco – Biscoito, que biscoito?

Lineu – Que coisa interessante que você falou.

S. Flor – Ele só falou biscoito.

Lineu – Então, bis- coito. Duas vezes coito. A língua portuguesa é o maior barato. Olha só: associar uma coisa tão ingênua como biscoito a sexo. Não é extraordinário? Não é estranho?

S. Flor- Estranho é esse seu comportamento.

Bebel – Mãe, tô começando a ficar preocupada com o papai.

Lineu – Relaxa, Bebel. Ta sentindo o baixo?

D. Nenê – Eu to sentindo é que você ta bem alto. Eu estou muito estressada pra agüentar marido que toma pilequinho antes do jantar.

Lineu – Que mau humor é esse?

D. Nenê – Pergunta pro Tuco. Ele sabe. Pergunta também o que isso aqui (mostra o cigarro de maconha) tava fazendo no bolso dele.

Lineu – Você fumou isso, Tuco?

Tuco – Não, mas você fumou.

Lineu – Como é que pode? Dar biscoito de maconha para o próprio pai. Um sujeito drogado é capaz de matar, de roubar, de seqüestrar e devorar sozinho uma lata de leite condensado.

Cena 13

Beijola – Lineu é uma emergência. O Mario piorou. Você tem que salvar o meu Mario. Ele tá péssimo.

Tuco – Popozão, você não tá em condições de cuidar desse gato.

Lineu – Nem pensar. Um veterinário não pode deixar um animal doente.

Beijola – Ele deve estar sofrendo muito.

Lineu – Ele não está sentindo nada.

Beijola – Então, ele está bem?

Lineu – Ele não está sentindo nada porque ele está morto.

Beijola – Meu gatinho está morto?

Tuco – Calma, Beijola. É só um gato.

Seu Flor - Lineu, você tem certeza disso?

Lineu – Ora, seu Floriano. Eu sou um veterinário. Eu só não saberia se um gato está morto se eu estivesse doido.

Beijola – E agora, que eu vou fazer com o meu gatinho? Lineu, faz um favor pra mim? Enterra o Mario. Eu não vou ter coragem.

Lineu – Tudo bem, Beijola. Eu e o Tuco vamos enterrar o gato pra você.

Cena 14

Dona Nenê – Eu tô com tanto problema com o Tuco que eu não vou nem perguntar o que tá acontecendo. Pai, me dá um calmante.

Seu Flor – Eu não tenho. O último que eu tinha, dei para o Beiçola.

Dona Nenê – Eu descobro que meu filho usa droga e nem posso ter a droga de um calmante.

Bebel – Relaxa. Não tem calmante, toma um copo de água com açúcar.

D Nenê – Que remédio. Bebel, você enche a geladeira de bebida e não deixa nem um lugarzinho para uma água.

Bebel – O Agostinho rala a semana inteira. Ele tem direito de tomar um golinho no fim de semana pra relaxar.

D Nenê – Só de imaginar aqueles dois marginais horrendos influenciando meu filho para experimentar essas porcarias.

Bebel – O Tuco fuma maconha porque ele quer.

D Nenê – Não, Bebel . O Tuco não sabe o que está fazendo. Por que um rapaz de família, criado com todo o carinho ia querer experimentar uma porcária dessas?

Seu Flor – Dizem que é pra relaxar.

D Nenê – Quer relaxar, dorme. Precisa fumar maconha pra relaxar?

Bebel – Bom, deve ser pelo mesmo motivo que você precisa de um calmantezinho.

Seu Flor – E que o Agostinho precisa tomar um golinho no fim de semana.

Bebel – Vamos com calma. Por que o meu marido bebe um pouquinho no fim de semana, isso quer dizer que ele é um alcoólatra?

D. Nenê – Não é não. E o meu remedinho também não é droga.

Seu Flor – E por que é vendido em drogaria? Tá certo. Você não pode falar nada. Você só toma um remedinho quando tá muito nervosa. Mas tem muita gente que é viciada em calmante, sabia?

D Nenê – E você que é viciado em cigarro.

Seu Flor – Eu não sou viciado. Fumo há 40 anos, nunca me viciei.

Bebel – Essa piada não em mais graça. Você pensa que eu não vejo o senhor pela casa, o dia todo, catando guimba de cigarro? Acho que, aqui, ninguém pode falar de ninguém. Todo mundo tem seu viciozinho.

Seu Flor – É verdade. Mas você, de todos, é a que em a pior dependência.

Bebel – Qual, vô?

Seu Flor – Dependência do Agostinho. Aquilo é droga pesada.

Cena 15

Tuco – Vamos desovar logo esse gato que esse lugar aqui é sujeira.

Lineu – Tuco, eu to gostando de cavar, sabe? O homem devia trabalhar mais nas terra. Esse contato com a terra é fundamental.

Tuco – Tu doidão é chato pra cacete.

Lineu – Cala a boca. Já mandei você parar de falar.

Tuco – Eu não falei. Isso aí foi um miado.

Lineu – Então pára de miar.

Tuco – Quem mia é gato. O gato está vivo!

Lineu – Milagre! Milagre! O Mario está vivo. Eu ia enterrando o bicho vivo. Se alguém souber disso, vai ser o meu fim. Já imaginou: “Veterinário drogado comete erro médico”.

(chega um policial)

policial – Quem é que ta drogado aí?

Tuco – Ninguém.

Policial – Documentos.

(Lineu e Tuco procuram documentos, Lineu pega o cigarro de maconha que estava em seu bolso)

Policial – Isso aqui é maconha?

Lineu – É. Joga isso fora, que isso faz um mal danado.

Tuco – Na verdade a gente tá aqui pra enterrar o Mario.

Policial – Mario, que Mario?

Lineu – Aquele que te deu um créu atrás do armário.

Cena 16 (na delegacia)

Tuco – Isso era hora de zoar com a cara do guarda? Custava se controlar?

Lineu – Se controlar como? Eu to sob efeito de entorpecente. Você é um irresponsável.

Tuco – O Agostinho ta chegando aí e vai te liberar dessa história.

Agostinho – Lineu, fica tranqüilo. Esse delegado é meu amigo de infância. Fica tranqüilo. Vou resolver isso aí pra gente na base da amizade.

Cena 17

Delegado – Pois é, Agostinho. Uma coisa que me revolta é policial corrupto. Não tem desculpa. É por causa de meia dúzia de policiais corruptos que a Polícia leva a fama.

Agostinho – Tem que ter mais verba. Falando em verba, vamos ver aí esse negócio do meu sogro.

Delegado – O Veterinário maconheiro.

Agostinho - Caiu um dinheiro aí.

Delegado – É seu esse dinheiro.

Agostinho – Meu?

Delegado – É seu. Eu vi quando caiu. Tu pega esse dinheiro que eu finjo que nem vi.

Agostinho – E cem tu vai ver?

Delegado – Agostinho, não faz isso não.

(Agostinho vai preso também)

Cena 18 (na casa de D. Nenê)

Beijola – D. Nenê, o meu gatinho morreu. E agora? Como é que eu vou viver sem o meu gatinho?

D. Nenê – Toma um pouquinho de chá de camomila.

(Tuco chega)

D. Nenê – Tuco, você não saiu com teu pai? Cadê ele?

Tuco – Ele ta preso lá na delegacia.

D. Nenê – Preso?

Seu Flor – Preso? Mas você deixou ele lá sozinho?

Tuco – Não. Ele não tá sozinho. O Agostinho foi preso junto com ele.

D. Nenê – Eu vou até lá.

Seu Flor – Você não pode ir lá sozinha. Nós temos que procurar um advogado.

D. Nenê – Que advogado? Como é que eu vou arrumar um advogado essa hora.

Tuco – O Beijola. Ele não era advogado antes de abrir a loja de pastel?

Seu Flor – Aquele não é o biscoito que o Tuco fez?

Tuco - Ai meu Deus!

Cena 19

(Na delegacia, chega Beçola e D. Nenê)

D. Nenê – Seu delegado, eu sou a mulher do Lineu e esse aqui é o meu advogado, o Dr. Abelardo.

Beçola – Beçola. Meu nome é Beçola. Eu tenho uma pastelaria. Qualquer coisa que o senhor precisar é só pedir.

D. Nenê – Senta aí, Beçola. Sabe o que é, o meu marido é veterinário. Ele é um fiscal sanitário. Ele é uma pessoa correta.

Beçola – Foi ele que enterrou o Mario.

Delegado – Mario, que Mario é esse?

Beçola – O Mario é o (começa a chorar)

D. Nenê – Beçola, chega. Engole o choro. Sabe o que é, meu advogado perdeu um ente querido. Mas o Lineu é uma pessoa que nunca fez nada de errado. Ele não pode ficar preso só porque comeu uns biscoitinhos de maconha, que meu filho Tuco fez. O Tuco também anda fumando maconha. Pior é o meu pai. Ele não consegue deixar de fumar. Agora, eu também não posso falar nada. De vez em quando, eu também tomo umas coisinhas pra relaxar. Mas minha filha, a Bebel, ela não usa nada. Agora, quando o Agostinho quer tomar alguma coisa, ele pede pra Bebel ir comprar.

Delegado – A senhora com uma família dessa não vai precisar de um advogado. É pra mais de dez. Vamos parar com essa bagunça. Bota todo mundo na rua.

Cena 20

(em casa)

Tuco – Eu não fumo maconha, cacete.

D. Nenê – Não fala assim com seu pai.

Lineu – Não se mete, Nenê.

D. Nenê – Você não fala assim comigo.

Tuco – Desculpe. Eu juro que eu nunca fumei maconha na minha vida. Eu até tive vontade, mas nunca fumei.

Lineu – Nós acreditamos em você, meu filho.

D. Nenê – Eu não acredito.

Tuco – Pode jogar fora. (entrega o pote de biscoito)

Lineu – Ninguém vai jogar nada fora. O Tuco viu o que aconteceu com a gente por causa disso. Quem tem que decidir o que fazer com isso é o Tuco.

(Tuco joga fora)

Agostinho – Então, vamos botar esse vagabundo aí na rua?

Lineu – Você já devia saber que nessa casa nós não temos o hábito de botar vagabundo na rua. Boa Noite.